

## O QUE HÁ POR FAZER EM FILOSOFIA DA RELIGIÃO?<sup>1</sup>

WHAT REMAINS TO BE DONE IN THE PHILOSOPHY OF RELIGION?: CLOSING LECTURE OF THE X INTERNATIONAL CONFERENCE OF BAPR

DEBORAH VOGELSANGER GUIMARÃES (\*)

É um desejo antigo dos organizadores dos congressos da ABFR que o presidente da vez apresente uma conferência de encerramento para ele. Finalmente, nesta décima edição, uma presidente inaugura a série de conferências de encerramento para o congresso da associação.

Este décimo congresso é a parte dois de um assunto que começou no nono congresso em 2021. Naquela ocasião, para a questão sobre o alcance da pesquisa em filosofia da religião no Brasil fizemos a pergunta: *o que se faz em filosofia da religião no Brasil?* Onde estão estes pesquisadores e o que estão fazendo no campo da filosofia da religião. Como hoje estamos aqui para avançar nesse assunto – o do alcance da filosofia da religião no Brasil, propus-me uma pergunta que compartilho com vocês: *O que há por fazer em filosofia da religião?* e para responder a esta pergunta escolhi voltar um passo recuperando o sentimento que experimentei no último congresso e que foi, de certa forma, a inquietação que me levou à formulação da pergunta apresentada aqui.

Em 2005 a ABFR promoveu o I Congresso de Filosofia da Religião. Os Anais daquele evento trazem a intenção do congresso logo no primeiro parágrafo da publicação:

O I Congresso de Filosofia da Religião visa reunir professores, pesquisadores e estudantes de pós-graduação no Brasil que lidam com a filosofia da religião para discutir os trabalhos em andamento de modo a motivar e aperfeiçoar essa área no país. Trata-se da primeira iniciativa de reunir pesquisadores em filosofia da religião no Brasil, uma área que tem crescido em importância no mundo inteiro, mas que ainda é pouco desenvolvida no Brasil, apesar da enorme importância que esse fenômeno tem em nossa cultura e sociedade. (ANAIS, 2005, p. 5).

<sup>1</sup> Conferência de Encerramento do X Congresso Internacional da ABFR.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Dezoito anos depois em 2023 na sua décima edição, a sensação é de dever cumprido: temos mais um congresso internacional com filósofos dedicados à filosofia da religião representando vários programas de pós-graduação com linhas de pesquisa na área, sendo que alguns deles estrangeiros. Além disso participamos ativamente no GT em filosofia da religião na ANPOF e temos ainda a publicação semestral da Revista Brasileira de Filosofia da Religião. Não é pouco para uma associação pequena que nasceu quase como uma ‘ação entre amigos’.

Pessoalmente, conheci a ABFR em 2013 por ocasião do V Congresso e tenho procurado contribuir da melhor maneira para essa comunidade que se forma desde 2005 e sendo assim foi impossível não me deixar contagiar com a animação da organização deste X Congresso, o primeiro congresso que acontece presencialmente após a pandemia de COVID-19. Mais uma vez a sensação de dever cumprido toma conta de mim, apesar do incômodo que permanece: será? Será mesmo que não há nada mais a ser feito além de ‘tocar o barco’? Continuar divulgando a pesquisa em filosofia da religião, congregando pesquisadores anualmente entre a ANPOF e os congressos próprios? Quem sabe criar algum conteúdo para o canal da ABFR no YouTube como mais um meio de divulgação da filosofia da religião aqui e no estrangeiro ou elaborarmos seriamente um curso inicial em filosofia da religião para inspirar pesquisadores e estudantes para essa área. Quem sabe um grupo de pesquisa próprio em filosofia da religião? De fato, essas foram sugestões a mim enviadas por interessados ou associados. Não sei dizer com precisão hoje, talvez o colegiado de associados e a nova diretoria encaminhem alguns destes pontos e assim sigam para o futuro da ABFR. Há muito o que fazer.

Temos também essa dimensão do particular - do filósofo e da filósofa da religião, em que nos encontramos em nossos departamentos focados na pesquisa em que desenvolvemos e, ao final dela, nos empenharmos em continuar a pesquisa a partir dos desdobramentos desta e assim por diante. Esse parece ser o futuro; esse parece ser o trabalho a ser feito de novo e novamente, em um desenrolar de conjecturas complementares ou consequentes.

O que há por fazer em filosofia da religião então? Para compartilhar o que penso sobre isso voltarei ao IX Congresso.

No IX Congresso, em 2021 (Panorama da Filosofia da Religião no Brasil) que aconteceu conjuntamente com GT de Filosofia da Religião da ANPOF, foram apresentadas pesquisas em andamento em vários departamentos de pós-graduação vinculados à Universidades de todo país<sup>2</sup>.

A conferência de abertura foi proferida pelo prof. Dr. Manfredo Araújo de Oliveira sob título *A Religião na Sociedade Urbana e Pluralista: o lugar sistemático da religião numa reflexão filosófica*<sup>3</sup> e nela, ele pergunta: ‘como interpretar filosoficamente a religião?’.

O prof. Manfredo argumenta que, se por um lado, temos esse lugar na filosofia ao qual chamamos Filosofia da Religião bem estabelecido em seu método e referenciais teóricos; por outro lado, nesse mesmo campo, há esquecimentos fundamentais que fazem com que seja necessário voltarmos nossa atenção para o básico conceitual e metodológico. Por exemplo, perguntar sobre a religião em si mesma, e não considerarmos esse conceito como entendido da mesma maneira para todas as pessoas, sejam elas pesquisadores e pensadores da área, sejam pessoas comuns praticantes ou não de alguma religião. Para ele, ‘religião’ é um conceito que precisa ser sempre revisitado.

Outra proposição feita pelo prof. Manfredo é a de que a “religião é uma atividade humana”, é uma “estrutura específica da atividade humana, do ser humano”. A mesma anotação ele faz sobre o termo ‘Deus’ para que não tomemos simplesmente a palavra pelo conteúdo sem nos lembrarmos dos esclarecimentos necessários e, o mais importante: A questão de Deus, ou a questão ‘Deus’ como prefiro referir, inclui a questão do ser humano enquanto tal. A palestra do Dr. Manfredo de Oliveira tem muitos pontos importantes, especialmente para os colegas que se inserem no campo da filosofia analítica da religião, porém deixarei os aspectos analíticos fora das considerações agora. Assim, vou direto para a conclusão do Dr. Manfredo de Oliveira. Como resposta à pergunta sobre o *lugar*

---

<sup>2</sup> O IX Congresso da ABFR – Panorama da Filosofia da Religião no Brasil pode ser assistido na íntegra pelo canal da ABFR no YouTube que pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/@associacaobrasileiradefilo8152> Ali encontra-se também o VII Encontro de GT de Filosofia da Religião da ANPOF.

<sup>3</sup> A conferência do prof. Manfredo Oliveira se encontra no link: [https://www.youtube.com/watch?v=8gX\\_VdfJqow&t=19915s&ab\\_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oBrasileiradeFilosofiaReligi%C3%A3o](https://www.youtube.com/watch?v=8gX_VdfJqow&t=19915s&ab_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oBrasileiradeFilosofiaReligi%C3%A3o)

*sistemático da religião numa reflexão filosófica*, para ele a resposta é clara: a antropologia filosófica é esse lugar, uma vez que a religião é uma especificidade da humanidade e ‘Deus’ um elemento distintivo do ser humano.

Não concordo com a resposta dada pelo Dr. Manfredo, pois parece-me que a antropologia filosófica integra o campo conceitual da filosofia da religião ao menos em parte. Assim, para mim e sem desconsiderar a importância da antropologia filosófica para a Filosofia, a filosofia da religião em seu todo é o campo preferencial para o estudo filosófico sobre a religião e para todos os temas e assuntos consequentes, subsequentes ou adjacentes à religião. Entretanto, não podemos deixar de considerar o alerta do Dr. Manfredo de Oliveira, qual seja: voltem ao fundamento de tempos em tempos e não esqueçam que ‘religião’ é um termo polissêmico especificamente humano, tanto quanto o termo ‘Deus’; por mim acrescentaria mais uma afirmativa: que ‘religião’ não é um termo de significado evidente para todas as culturas, e sim um termo eurocentrado, ou seja, parte de conceitos cunhados pela tradição filosófica europeia a partir dos fenômenos religiosos ligados ao cristianismo.

O que me toca ao assistir a conferência do prof. Manfredo é a lembrança imediata de três filósofos, cada um em um momento específico, sendo eles, Aristóteles, Tomás de Aquino e Paul Tillich. Sempre que me pedem o retorno às bases me volto para Aristóteles especialmente na *Metafísica I* (sabe mais quem sabe os princípios e as causas; as causas são em número de duas ou mais) e na *Metafísica IV* (a distinção entre *eimai* e *ón* principalmente). Na mesma *Metafísica* Aristóteles fala sobre *Théos* e ali ele não faz teologia nem fala sobre o Deus cristão que conheceríamos posteriormente. Aristóteles está no campo da Filosofia naquele momento em que reflete sobre o *Théos* que ele conhece por sua cultura; portanto tratando filosoficamente um elemento da religião do seu tempo. Se Aristóteles tivesse feito isso um pouco mais tarde – digamos que lá pelo século XVIII, diríamos que ele pensou sobre *Théos* com as ferramentas metodológicas da filosofia da religião.

Tomás de Aquino sempre me vem à memória por seu denso opúsculo *O ente e a essência*<sup>4</sup>. Segundo Francisco Benjamim de Souza Netto, na introdução ao opúsculo

---

<sup>4</sup> AQUINO, T. *O Ente e a Essência*. Tradução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Edição bilíngue. São Paulo: Ed. Vozes, 1995.

traduzido por Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, é na substância composta limítrofe, o homem, que a imaterialidade da forma se desvela no próprio ato de se conhecer por conceitos, sendo a substância simples a expressão quase necessária da forma. Essa necessidade de a substância simples ser quase a expressão da forma, não se apresenta realmente, pois os entes não apresentam uma essência idêntica ao seu ser; porém se diz Ente primeiro, no sentido de primordial, o ente supra-substancial e o Ato Puro inferido a partir da própria atualidade do simplesmente possível, o contingente. A partir daí e n'Ele, a identidade não é mais essência-forma para as substâncias (simples ou compostas), mas essência-esse (na substância limítrofe da simplicidade onde a forma não comporta a substância por ter ela, ali, o sentido primordial e supra-substancial como Ato Puro). Nas palavras finais de Tomás:

Fica, assim, portanto, claro como há essência nas substâncias e nos acidentes; e como nas substâncias compostas e nas simples; e de que maneira as intenções lógicas universais se encontram em todos estes; exceto o primeiro que está no limite da simplicidade, ao qual não cabe a noção de gênero ou de espécie e, por conseguinte, nem definição por causa de sua simplicidade; no qual esteja o fim e a consumação deste discurso. Amém. (AQUINO, 1995, p.35).

Quem lê o opúsculo tomista concorda com o prof. Benjamin que 'é possível divisar nesta altura do *De Ente et Essentia*, a metafísica subjacente às cinco vias.' E qual é o meu ponto? Se na *Suma de Teologia* – onde se inserem às cinco vias para alcançarmos o conhecimento de Deus, o que temos é um esforço teológico de compreensão de Deus (entre outras coisas), no *Ente e Essência* temos um esforço filosófico de entendimento deste 'Deus' da Suma de Teologia. Assim, o opúsculo tomista é um escrito em filosofia da religião para deixar claro ao que ele, Tomás, se refere quando fala de Deus na Suma de Teologia. Dito de outro modo, Tomás está ali no campo metafísico pensando em termos de filosofia da religião, esculpindo os tijolos para erguer a estrutura teológica que precisa para entender e ensinar sobre esse Deus da tradição cristã.

E por fim Paul Tillich. Há muito o que dizer sobre Tillich e sua obra a partir da conferência do prof. Manfredo, mas ficarei apenas com a definição de religião e suas implicações e mesmo assim de forma breve. Para 'Deus' temos toda a parte 2 do primeiro volume da *Teologia Sistemática*<sup>5</sup>, e para um percurso seguro pela obra tillichiana

---

<sup>5</sup> TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

recomendo que assistam à conferência de encerramento do IX Congresso da ABFR proferida pelo prof. Dr. Étienne Higuët (A recepção da Filosofia da Religião de Paul Tillich no Brasil)<sup>6</sup> quando ele faz um percurso esquemático pelo pensamento de Tillich, especialmente pela filosofia da religião, além de um relatório bibliográfico importante para o conhecimento da obra tillichiana.

Para Paul Tillich, nas palavras do prof. Higuët, religião, fé e cultura são conceitos interligados intimamente e isto aparece na filosofia da religião proposta por ele. Se em *What Is Religion?* Tillich diz que ‘Religião não é um sentimento, ela é uma atitude do espírito em que elementos práticos, teóricos e emocionais estão unidos para formar um todo complexo’ (1969, p. 160), em *Christianity and the Encounter of the World Religions* (1963, p. 4) ele afirma que ‘religião é o estado de ser tomado por uma preocupação última’ ou melhor, ‘é estar preocupado de forma última por aquilo que é e deveria ser nossa preocupação última’ como aparece em *Teologia da Cultura* (1959, p. 40); na sequência ele complementa dizendo que ‘Deus é o nome para essa preocupação’. Entretanto, para Tillich, segundo a mesma *Teologia da Cultura*, a religião é uma dimensão da cultura e não uma função do espírito humano, pois ‘religião é direcionamento para o Incondicional, e cultura é o direcionamento para as formas condicionadas e sua unidade’ (*A Era Protestante*, p. 87) embora uma não esteja alijada da outra, uma vez que todo ato de sentido será um ato substancialmente religioso. O que mais percebemos ao ler Tillich é que em sua filosofia da religião o conceito de religião deriva do conceito de Incondicional e de Preocupação Última e que para ele a filosofia da religião é uma filosofia do sentido relacionada ao Incondicional em termos do sentido (1969, pp. 14; 19). Pois ali está Paul Tillich mergulhando na filosofia da religião à ponto de sentir a necessidade de esclarecê-la para si e para os outros, com a finalidade de buscar subsídios para sua reflexão e sistematização teológica protestante, neste caso, luterana.

Assim, quando o Dr. Manfredo de Oliveira diz que é necessário não esquecer dos fundamentos, uma vez que ‘religião’ e ‘Deus’ não significam a mesma coisa para todo mundo, foi imediato lembrar-me de Paul Tillich e isso no que diz respeito ao cristianismo apenas. Há muitos outros exemplos advindos de religiões não cristãs e para as quais podemos inclusive questionar a correção de as denominarmos ‘religião’ sem ouvir o que

---

<sup>6</sup> A conferência do prof. Dr. Étienne Higuët pode ser assistida na íntegra pelo link: [https://www.youtube.com/watch?v=ZRyGU6Nxokw&t=17372s&ab\\_channel=PROECUnifesp](https://www.youtube.com/watch?v=ZRyGU6Nxokw&t=17372s&ab_channel=PROECUnifesp)

suas tradições religiosas dizem, ou seus intelectuais (ligados ou não à especulação teórica sobre a religião) ou mesmo os praticantes delas. Sendo assim, discordo do prof. Manfredo quando diz que o lugar desta reflexão sistemática no campo filosófico é a Antropologia Filosófica. Aristóteles, Aquino e Tillich são exemplos (entre outros que eu poderia citar aqui) de que o lugar desta reflexão é a Filosofia da Religião. A antropologia filosófica trata do **homem**; a filosofia da religião trata da religião em sua complexidade e diversidade, a trata em sua multiplicidade, e profundidade abrangendo assim o espírito humano também em múltiplas direções, sentidos e significados, se considerarmos a religião como manifestação cultural da preocupação humana com a esfera do supracosmético, preocupação com a dimensão espiritual do ser humano.

Recolocada a reflexão sistemática sobre a religião – e Deus, e tudo o mais que concerne ao tema, como algo humano em seu devido lugar – como parte da Filosofia da Religião, posso reaperceber a pergunta: o que há por fazer em filosofia da religião?

Olhemos para frente agora, a partir deste X Congresso. Nesses quatro últimos dias assistimos a uma diversidade de temas que foram da matemática às religiões afro-brasileiras e a uma proposta de revisão metodológica para a Filosofia da Religião onde se incluíam aspectos etnográficos e antropológicos que permitissem analisar religiões de tradições orais, seus rituais e o sentimento de pertencimento ao divino que inunda o praticante delas. Uma metodologia que ampliaria a possibilidade de estudos para além dos aspectos canônicos (se posso chamar assim), habituais, intelectualizados e eurocentrados no cristianismo teologicamente determinado desde o Concílio de Nicéia. Assim, entre tudo que temos por fazer parece que uma proposta é a reflexão metafilosófica sobre o fazer da filosofia da religião. Uma proposta de ampliação do escopo metodológico para admitir o outro, religiosa e teoricamente.

Neste sentido o estudo filosófico das religiões não cristãs feita por pensadores culturalmente envolvidos com elas, oriundos destas culturas próprias não é recente. Encontramos publicações de autores africanos, indianos e japoneses – para citar os que tenho notícia ou já estudei, desde meados dos anos 2.000 um pouco mais, um pouco menos; há cerca de 20 anos portanto. Há autores japoneses ainda mais antigos. É habitual nestes textos uma crítica ao euro-centrismo cristão e a recorrente tentativa de comparar estas religiões não-cristãs com as cristãs para assim entendê-las e sistematizá-las, quase

sempre à revelia daqueles a quem essas religiões são próprias. Enfim, devemos ver com o olhar do outro. Deixo aqui dois exemplos: o interessante artigo de Porushottama Bilimoria intitulado *O que é o 'Subalterno' em Filosofia da Religião?* Publicado em 2012 pela Revista Numen, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião na UFJF.<sup>7</sup> Nas palavras do próprio Bilimoria,

Não obstante a história recente e a mélangue etnocêntrica que teria engolfado a razão, o artigo busca sustentar vigorosamente o compromisso fundamental da filosofia clássica indiana com a racionalidade e as teorias da razão. À luz dessa herança 'subalterna', o artigo revisita criticamente os desdobramentos contemporâneos na esfera da filosofia da religião.

Há também um livro bem instigante de Kiyozawa Manshi<sup>8</sup>, *O Esqueleto de uma Filosofia da Religião*, publicado pela Edições Nalanda<sup>9</sup>. A proposta de Manshi é discutir filosoficamente a existência da religião. Kiyozawa Manshi abre o livro com a proposta:

A questão de porque temos uma religião entre nós pode ser explicada de várias formas. Colocando de lado, no momento, as diferentes teorias sobre a origem da religião, dizemos que naturalmente temos uma faculdade ou propensão em nós para fazer surgir o que é chamado de religião. Esta faculdade ou propensão chamamos de faculdade religiosa.

Ele foi uma das inspirações para a Escola de Kyoto que se formará mais tarde. Como tantos outros pensadores originais que aparecem no final do século 19 e início do século 20 (Manshi viveu de 1863 a 1903) ele tinha a consciência da necessidade de responder à filosofia do Ocidente frente ao pensamento japonês. Assim, Kiyozawa Manshi buscou nas fontes japonesas as bases para sua crítica, ao mesmo tempo em que tentou igualmente uma conciliação entre o pensamento oriental e o ocidental. Ele teve também um papel fundamental na reforma e renovação da maior escola budista japonesa, a Jōdo Shinshū (Verdadeira Escola da Terra Pura). Em seu esforço filosófico sobre a religião no Japão, Manshi tentou articular uma das dualidades fundamentais da prática religiosa, quando essa prática se refere àquelas encontradas nas religiões japonesas

---

<sup>7</sup> BILIMORIA, P. "O que é o 'subalterno' da filosofia da religião". *Numen*, v. 14, n. 2, 2012, pp. 13-58.

<sup>8</sup> Kiyozawa Manshi (Aichi, Nagoya, Japão. (清沢 満之, 1863–1903) foi um reformador budista Shin japonês e sacerdote de origem samurai que estudou filosofia ocidental na Universidade de Tóquio com o filósofo americano Ernest Fenollosa. Ele pertencia ao ramo Ōtani-ha do Budismo Shin.

<sup>9</sup> MANZI, K. *O esqueleto de uma filosofia da religião*. Tradução de Ricardo Sasaki. São Paulo: Editora Nalanda, 2019 (edição impressa); 2014 (eBook).



(budista no caso) e a cristã, qual seja, a escolha entre um caminho de esforço próprio e um caminho baseado na esperança e na graça vinda de fora. A partir destes exemplos podemos dizer que a filosofia da religião já é um campo de acolhida para pensadores fora do âmbito cristão. Há também exemplos de outros que estudam vertentes cristãs menos consideradas, como as místicas por exemplo. Entretanto, o que fazer com expressões religiosas não sistematizadas teoricamente e de tradição oral e ritualística? Parece que escolher as ferramentas apropriadas para entendê-las e formular as perguntas filosóficas pertinentes como fizeram os colegas conferencistas neste X Congresso. Há outros meios? Com certeza.

Para terminar gostaria de notar que, por sua própria natureza, a pergunta que fiz no início é uma pergunta sem resposta única por acomodar muitas respostas possíveis. O que há por fazer?

No âmbito da ABFR há iniciativas que os associados ou interessados fizeram e apontei no início da conferência. São sugestões como a orientação de um grupo de estudos sobre filosofia da religião promovido pela própria ABFR, um curso de formação em filosofia da religião e mais presença nas redes sociais ou na internet; por isso atualizamos o site e estamos providenciando conteúdo para o canal no YouTube e no Instagram, onde também temos um perfil. Há também o anseio da diretoria e dos colaboradores diretos para que mais pesquisadores e interessados em filosofia da religião se associem de modo a termos massa crítica para continuar com nossa expansão. Uma expansão não apenas da ABFR como também de toda a comunidade de pesquisa em Filosofia da Religião no Brasil.

Meu ponto é: sendo a filosofia da religião um campo amplo e profundo o suficiente para tratar com as questões concernentes ao campo religioso; sendo a religião e o que ela engloba, algo distintivo do ser humano e a expressão de sua profundidade espiritual, o que há por fazer é ampliarmos nosso olhar sobre o assunto, ampliarmos nossa reflexão sobre a religião e considerar que há sempre a necessidade de voltarmos aos conceitos primeiros mesmos, para sabermos onde estamos e a partir de onde falamos sobre o que estudamos em religião. Como filósofa arrisco ainda alguns outros caminhos.

Entre eles o partilhar pesquisas, descobertas bibliográficas, ideias e suspeitas teóricas entre os colegas como fizemos aqui nesses dias; sermos de fato uma comunidade de conhecimento em Filosofia da Religião. Essa sempre foi a proposta da ABFR. A filosofia é rica metodologicamente; conseqüentemente, a filosofia da religião também o é, estando apta a enfrentar os desafios de religiões em crise pois há uma humanidade em crise. Talvez nos falte olhar mais para o outro, nos assombrarmos com aspectos distintos daqueles que conhecemos, mergulharmos em nós e em nossas crenças para termos clareza de nós mesmos, de modo a sermos tocados pela experiência religiosa do outro e, quem sabe, a nossa mesma. Aprendermos coisas novas em áreas distintas da Filosofia para que possamos pensar melhor filosoficamente sobre a religião e seus aspectos. Aprendermos coisas novas para nós no seio mesmo da filosofia, pois há filósofos que nos escapam pelo próprio caminho teórico que escolhemos desde nossa formação.

Não há assunto, tema ou questão proibido para a Filosofia da Religião, só precisamos fazer perguntas filosoficamente elaboradas e caminhar em busca da resposta.

Só precisamos fazer o que fizemos nestes quatro dias: sermos filósofos debruçados sobre o que nos inquieta no campo religioso. No mais, nos perguntarmos de tempos em tempos: *o que há por fazer em filosofia da religião?*

Agradeço mais uma vez a presença de todos desejando um bom retorno para suas casas. Que tudo corra bem no caminho.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, T. (1995). *O Ente e a Essência*. Tradução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Edição bilíngüe pela Ed. Vozes.

ARISTÓTELES. (1982). *Metafísica*. Tradução de Valentín Garcia Yebra. Ed. Gredos.

BILIMORIA, P. (2012). “O que é o ‘Subalterno’ da Filosofia da Religião”. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, 14 (2), 13-58, 2012. Available on the internet at <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21811/11871>, accessed, 2024.

MANZI, K. (2014; 2019). *O Esqueleto de uma Filosofia da Religião*. Tradução de Ricardo Sasaki. São Paulo: Editora Nalanda. 2019 (edição impressa); 2014 (eBook).

TILLICH, P. (2005). *Teologia Sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Sinodal.

TILLICH, P. (1959). *Theology of Culture*. Edited by Robert C. Kimball. Oxford University Press.

TILLICH, P. (1963). *Christianity and the Encounter of the World Religions*. Columbia University Press.

TILLICH, P. (1969). “The Philosophy of Religion”. in TILLICH, Paul. *What is Religion?* Ed. James Luther Adams. New York: Harper & Row.

TILLICH, P. (1969) “The Conquest of the Concept of Religion in the Philosophy of Religion”. in TILLICH, Paul. *What is Religion?* Ed. James Luther Adams. New York: Harper & Row.

TILLICH, P. (1992). *A Era Protestante*. Editora: Ciência da Religião.



**(\*) DEBORAH VOGELSANGER GUIMARÃES**

Presidente da ABFR 2021/2023.

Graduada e Mestre em Filosofia pela Unicamp. Especialização em Planejamento e implantação EAD pela UFF/LANTE. Formação em Psicanálise Freudiana com Clínica estabelecida há 7 anos. Docente em Filosofia e Teologia entre 2005 e 2019. Faculdade Messiânica/SP. Docente em Filosofia na Faculdade de São Bento/SP entre 2004 e 2009. Docente e coordenadora de graduação em licenciatura em Filosofia. UNIMES/Santos entre 2006 e 2009.

Email: [deborahvogelsanger@outlook.com](mailto:deborahvogelsanger@outlook.com)